

Casas de mãos e barro: a arquitetura caiçara de São Sebastião

*Clayton Galdino**

Resumo

O presente artigo aborda as vilas caiçaras e a técnica construtiva do pau-a-pique. Relaciona a composição urbanística com condicionantes geográficos, sociais e ecológicos, resultando em traçados característicos. Uma breve análise sobre o cotidiano e equipamentos praianos é apresentada.

Palavras-chave: Arquitetura. Pau-a-pique. Cotidiano caiçara. Equipamentos caiçaras.

Introdução

[...] feitas de 'paus' do mato próximo e da terra do chão... servem de abrigo para toda a família. É o chão que continua... mas justamente por isso, por ser coisa legítima da terra, tem para nós arquitetos, uma significação respeitável e digna. (Lúcio Costa)

O litoral norte paulista atualmente apresenta, por ação de condicionantes econômicos e geográficos, um cenário no qual ainda podemos encontrar nichos de cultura tradicional, que se manifestam nos costumes, na culinária e na arquitetura. Especificamente sobre o morar caiçara ainda resistem, em vilas distantes, casarios e habitações isoladas que utilizam o pau-a-pique como técnica construtiva.

Dentro do enfoque das Técnicas Tradicionais da Arquitetura Paulista, optamos por abordar parcialmente a arquitetura caiçara, em especial, a presente nas vilas praianas de São Sebastião, estado de São Paulo. Para a realização deste artigo nos valem de observações de casas remanescentes e seus programas habitacionais, entrevistas realizadas em nossos projetos e, para a compreensão passo a passo da técnica de pau-a-pique, a coleção de Agnello Ribeiro dos Santos, fotógrafo sebastianense autodidata. O olhar talentoso e o amor à terra nos presentearam com importantes registros das construções e do cotidiano litorâneo da primeira metade do século XX. Este acervo pertence ao Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de São Sebastião.

Na primeira parte, apresentamos um breve histórico econômico da cidade e como seus fatores foram condicionantes para a ocupação urbanística e escolha das técnicas construtivas presentes a beira-mar. A segunda parte aborda a ocupação do espaço pela gente caiçara, ocupação esta moldada pelo relevo, pelos materiais da terra e por seus costumes. Seguimos a análise de seu cotidiano com a relação dos equipamentos presentes, símbolos de suas atividades produtivas e sociais assim como, na sequência, uma abordagem sobre a forma de morar, seu programa e as técnicas utilizadas.

Finalmente, voltamos nosso olhar para a situação atual, como se encontram os remanescentes em pau-a-pique e uma breve análise das perspectivas futuras, como por exemplo, a utilização de técnicas construtivas tradicionais em currículos profissionalizantes e projetos arquitetônicos, com a Bioarquitetura.

Aspectos históricos de São Sebastião

A cidade de São Sebastião localiza-se numa extensa faixa de marinha, com cem quilômetros de litoral entrecortado por dezenas de praias e costões, delimitado pela borda do planalto, a Serra do Mar. Possui como divisas Salesópolis a oeste, Bertioga ao sul, Caraguatatuba ao norte e a leste, o Oceano Atlântico.

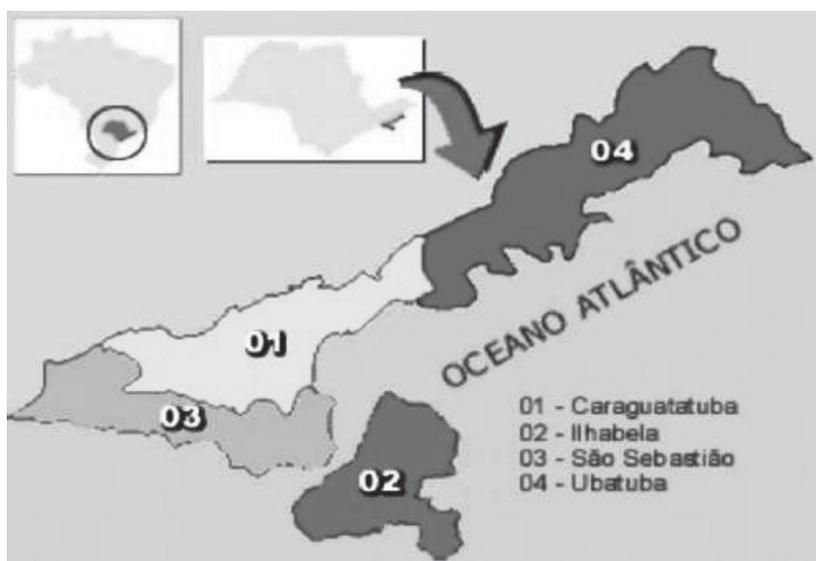


Figura 01 – O litoral norte paulista. Fonte: DEPCOM-PMSS

A ocupação da cidade e da região remete a um período pré-tupi, 3000 anos atrás, evidenciada pelos inúmeros sambaquis e abrigos concheiros, como os encontrados na ilha do Mar Virado, em Ubatuba, e no Sítio Arqueológico Jaraguá 01, em São Sebastião (GALDINO, 2008; BORNAL, 2005). Sucede-se a esta ocupação a

presença Tupi e suas ramificações, sendo as específicas da região os tupiniquins ao sul de Boiçucanga e os tupinambás ao norte. A cultura tupi contribuiu de forma importante para o estabelecimento do elemento europeu na região, com a tecnologia e saber fazer nativo sobre os acessos por mar e terra, a caça, a pesca, a fabricação de potes cerâmicos e a feitura de casas feitas com tramas de paus e fibras, que logo incorporariam o vedado de barro.

O nome da cidade originou-se do batismo da Ilha de São Sebastião, que atualmente abriga o município de Ilhabela, em 20 de janeiro de 1502, por ocasião da expedição cartográfica de Américo Vespúcio (ALMEIDA, 1959, p. 28). Ao longo do século XVI, a presença lusa limitou-se à esparsas expedições extrativistas e a luta pela conquista do espaço, processo que envolveu as nações rivais tupiniquim, aliada aos portugueses e tupinambás, confederadas ao norte e aliada dos franceses (STADEN, 1989, p.125 - 126).

Com a paz conquistada e a expulsão dos franceses das terras fluminenses, inicia-se a efetiva ocupação colonial, com a instalação de postos de apoio à extração de madeiras, aprisionamento de escravos nativos e, sobretudo, instalações de fortificações para proteger a terra dos corsários espanhóis, holandeses e franceses (LEMOS, 1999, p.74).

Diante da dificuldade de ocupar as terras com recursos estatais, o Reino de Portugal promove a ocupação privada, por meio de doações de terras, em capitânicas e por seus donos, em porções menores, as sesmarias, como a doada em 1601 a José Adorno, que originou a Vila de São Sebastião, erigida em 16 de março de 1636. Seu território se estendia, na porção continental, com a divisa de Santos até o Rio Tabatinga, que o limitava ao norte com Ubatuba, além da Ilha de São Sebastião, território desmembrado em 1806 com a ereção da Villa Bella da Princesa, atual Ilhabela. Em 1847 Caraguatatuba emancipa-se, fixando seu limite com o Rio Juqueriquerê, atualmente regredido para o Rio Perequê Mirim.

Pelas praias, engenhos canavieiros e entrepostos de escravos imprimiam pelo litoral o ritmo das viagens e negócios, assim como

as festividades. Lemos (1989, p.27) aponta o ocorrido “no litoral entre Rio e Santos, principalmente na área de São Sebastião, por gente atraída pela possibilidade de vender caro o açúcar aos mineiros, via Parati, de onde partia a estrada às Gerais”.

Assim, movida pelo lucrativo comércio de açúcar e aguardente, a região experimentou desenvolvimento econômico. A produção canavieira e, posteriormente, a cafeeira, deu ao Litoral Norte um caráter de importância agrária. A comunicação marítima das gentes paulistas atenuava o isolamento geográfico da região, decorrente de sua morfologia. Contudo, no século XIX com a implantação das ferrovias que ligavam o planalto à baixada santista e à capital fluminense, um hiato formou-se no Litoral Norte. Além disso, a região foi abatida por sucessivas ações governamentais que priorizaram a cidade de Santos como praça comercial e para esta, o monopólio de porto de exportação da capitania de São Paulo (ALMEIDA, 1956, P.06).

Deste modo, a produção agrária decaiu, e, com ela, as grandes fazendas. Firma-se neste momento a ocupação caiçara, baseada nas comunidades de beira de praia acolhidas nas enseadas e, com elas, o fortalecimento de um modo de vida baseado na cultura de subsistência, na pesca e caça, no conhecimento empírico sobre o tempo e o mar, e sobretudo, na ajuda mútua e integração com o meio ambiente. (GALDINO, 2004, p.11).

Assim, o litoral norte permaneceu sob a mesma estagnação até as décadas de 1940 e 1950, quando houve a abertura dos acessos rodoviários e, com eles, a chegada do turismo e veranismo. Especificamente em São Sebastião, já na década de 1930 e, posteriormente, em 1963, instalaram-se, respectivamente, o Porto e, o Terminal Marítimo Almirante Barroso, da Petrobras. Diante destes novos agentes, a região assiste a rápida transformação urbana e social, caracterizada pela expansão imobiliária, crescimento demográfico e transformação de sua paisagem e recursos naturais. Fatores que demandam estudos através de pesquisas arqueológicas sobre ocupações de outrora e, das vilas caiçaras remanescentes, objeto que abordaremos neste instante.

A ocupação do espaço

Diante do isolamento geográfico e, econômico imposto ao litoral, viu-se a gente caiçara obrigada a moldar suas habitações e traçados com o que se tinha na terra e também com a dinâmica de tempo e espaço que a geografia e o cotidiano lhe oferecia, como observa Kilza Setti (1985, p.19): “nascido e criado no litoral, o caiçara aprendeu a conhecer seu espaço e a obter dele os elementos e proporções convenientes ao seu bem estar. A grandeza do mar, as distâncias, as montanhas que o separam do resto do mundo não lhe são desconhecidas.”

Nasciam assim, nas praias molduradas pelos costões e pelo exíguo aplainado dos sertões, casas de pau e barro erguidas em quintais comuns. A pesca, a colheita, a caça, o barrear de casas, o cuidado com as crianças e enfermos, eram vividos por mãos e olhos solidários. Em outra observação, a autora (SETTI, 1985, p.18 - 19) reflete:

[...] o caiçara tem, contudo, seus próprios parâmetros para a avaliação do mundo. Geralmente usa como referenciais de espaço a própria natureza, como rios, pontes, pedreiras e sobretudo, vegetais: jaqueiras, mangueiras [...] mesmo com instalações recentes [...] referencial significativo dentro de seu próprio universo. O grupo velho, o armazém.

A ocupação do espaço dividia-se entre os ranchos de pesca a beira-mar, as casas aglomeradas nas vilas e o sertão, terra adentro, onde se cultivava a roça e se fazia as cevas, locais onde se colocavam frutos para atrair a caça. Desta reclusão nasceu o conhecimento empírico sobre o clima, remédios e também um calendário litúrgico próprio, no qual as datas comemorativas estavam atreladas às épocas de fartura de determinado pescado e das safras. Em Ubatuba, temos como exemplo de intimidade com os santos a comemoração da festa de São Pedro, que não é comemorada em 29 de junho, mas depois do tempo da tainha, para que as festividades não atrapalhem a lida no mar.

Os equipamentos

A sociedade litorânea, fora dos centros urbanos, desenhou urbanisticamente um traçado feito de forma não-retilínea e, por vezes, moldado pelas relações sociais, como por exemplo, o casamento entre primos e o norsteamento matriarcal e patriarcal, onde as habitações gravitavam o terreiro e as casas dos mais velhos.

Os cuidados comuns nas tarefas do dia-a-dia imperavam a existência de um quintal comum, o terreiro, onde as galinhas e porcos transitavam livremente. A casa de farinha, o rancho de pesca e a bica d'água de uso coletivo denotavam o caráter solidário. Como prédio institucional, a exceção de raras escolas, apenas a capela, singela e alva, quase sempre com frontão triangular. Sua invocação traduzia a identidade de determinada praia.



Figura 02. O quintal, local de reunião e trabalho, retratado no Bairro de Boiçucanga, em 1923.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.

No quintal, os peixes secam ao sol, no varal, consertados, isto é, limpos e abertos, assim são postos para que se preservem, produzindo, assim, o peixe seco, para ser consumido em épocas de mar ruim e vendidos ou trocados por mercadorias, nos navios de cabotagem. Neste mesmo espaço, as tarefas domésticas são realizadas. O pilão escavado debulha o arroz, prepara a quirela. Das tramas indígenas nasceram os cestos, trançados com as fibras da taboa, vegetal presente em áreas alagadiças que oferece tiras homogêneas de alta resistência. Deste material faziam-se também as esteiras e para o(s) quarto(s), as camas, estas últimas, um grande manto apoiado sobre uma estrutura quadriculada fixada em paus fincados no chão. Um ou outro banco e o armário, por vezes em prateleira vedado com pano e mais raramente, fechado com portas.

Um dos símbolos da ferramentaria caiçara é o enxó, instrumento curvo, de cabo curto, que servia para falquejar a madeira e escavar o tronco, na construção das canoas caiçaras, feitas de um pau só. A canoa nasce da apropriação da tecnologia indígena e recebe, com o tempo, a influência portuguesa, como a pintura multicolorida, o batismo com nomes femininos e no caso da canoa de voga, a vela. Na embarcação, o samburá, cesto circular de fibras trançadas, onde se guardava o espinhel, um tipo de rede que se lançava ao mar com anzóis presos em linha, específica para matar lula.

Já em terra, hora de preparar o almoço. Peixe, farinha de mandioca, banana, arroz, coentro, taioba, uma ou outra caça, café coado com o caldo da cana. Ingredientes da terra que se revolviam num caldo fumegante, sobre as chamas do fogão a lenha. Condizente com seu isolamento, as “novidades” de outras praças pouco chegavam. Assim, cozinhava-se com o que se tinha, sem aquisições, mas tendo como resultado uma dieta rica em nutrientes e com sabor elogiável.

As casas caiçaras

As condições geográficas e econômicas sobre as quais nos referimos impuseram também na arquitetura alguns condicionantes, como por exemplo, utilizar para a construção de habitações e templos os materiais da região. Como consequência temos o emprego da técnica de pau-a-pique como a mais utilizada. Nos primeiros séculos de ocupação de nossa região era premente a necessidade de se fazer construções precárias e imediatas, com os materiais da terra, como relata Frei Gaspar da Madre de Deus (1975, p.53) em relação à reforma do Forte de Bertioaga, litoral sul de São Paulo: “como o forte constava de madeira e terrão, materiais de que havia grande cópia em Guaibê, e os oficiais trabalharam com diligência, brevemente ficou o edifício com a capacidade necessária para nele se aquartelarem todos os povoadores e soldados.”

No centro urbano de São Sebastião e no Bairro de São Francisco da Praia, não temos registro de construções feitas exclusivamente com esta técnica. “As pequenas casas térreas, de pouca frente, muito fundo e duas águas apenas, alinhadas ao longo das ruas” (COSTA, 1975, p.93), tinham suas fachadas feitas de alvenaria de pedra e mais comumente, suportes de madeira com tijolos inclinados para a vedação. Já nas paredes laterais e internas, a taipa de mão era a mais utilizada.

Nas vilas caiçaras, o emprego exclusivo desta técnica na construção de casas é mais recorrente, com suas “paredes formadas de estacas fincadas perpendicularmente na terra, entrelaçadas de ramos de árvores e rebocadas de barro por dentro e por fora” (MAWE apud VASCONCELLOS, 1979, p.33). Sobre a definição da técnica de pau-a-pique ou taipa de mão, temos o conceito apresentado por Vasconcellos (1979, p.45):

[...] tipo de vedação que consiste em paus colocados perpendicularmente entre os baldrames e os frechais, neles fixados por meio de furos ou pregos. Estes paus são

frequentemente roliços, com sua casca inclusive [...] Normalmente a estes são colocados outros, [horizontalmente] mais finos, ripas ou varas [...] amarradas com (materiais próprios para cordas) conhecidos no Brasil pelo nome genérico de imbiras. Feita a trama, é o barro jogado e apertado sobre ela, trabalho que se faz apenas com as mãos, sem auxílio de qualquer ferramenta.

Neste sistema construtivo, a trama de madeira se apresenta como elemento portante. Sob este aspecto, não permite a abertura de vãos posteriores à construção. As janelas e portas são previstas na construção do entramado, apoiados por vigas e colunas de madeira, como veremos nas figuras 04 a 11. A cobertura recebia o emprego de fibras de coqueiros, chamados patis (MADRE DE DEUS, 1975, p.62). Com a instalação de olarias, o emprego de telhas cerâmicas capa-e-canal se difundiu. O emprego das fibras vegetais permaneceu nos ranchos de pesca, nos abrigos de trabalho e em pontos de caça (figura 03).



Figura 03. Rancho de pesca com cobertura de fibras vegetais, na Praia de Barra do Sahy, São Sebastião, 1923.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.



Figura 04. Uma casa de Boiçucanga, São Sebastião, passo a passo, em 1923. Nesta etapa vemos as colunas e a estrutura do telhado.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.



Figura 05. Já com a cobertura, em telhas cerâmicas.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.



Figura 06. As estruturas para os vãos previstos.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.

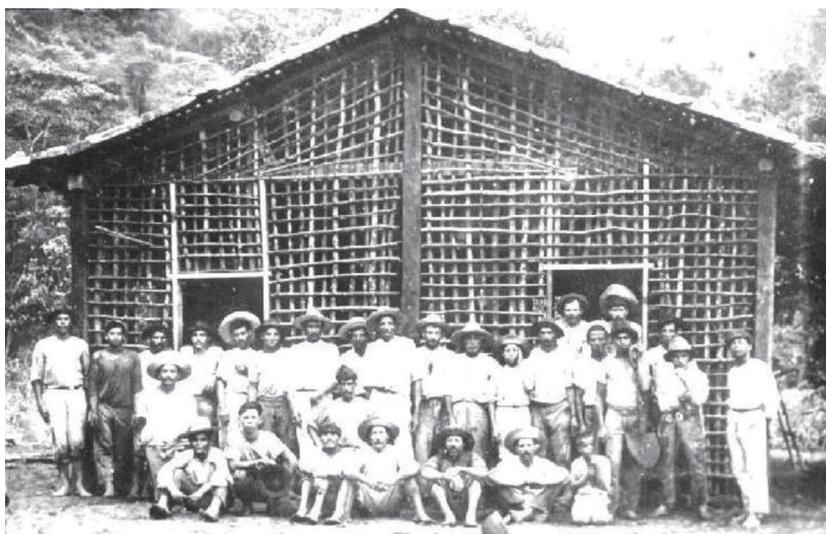


Figura 07. A trama de pau-a-pique, preparada para receber o vedo de barro.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.



Figura 08. O mutirão para amassar o barro.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.

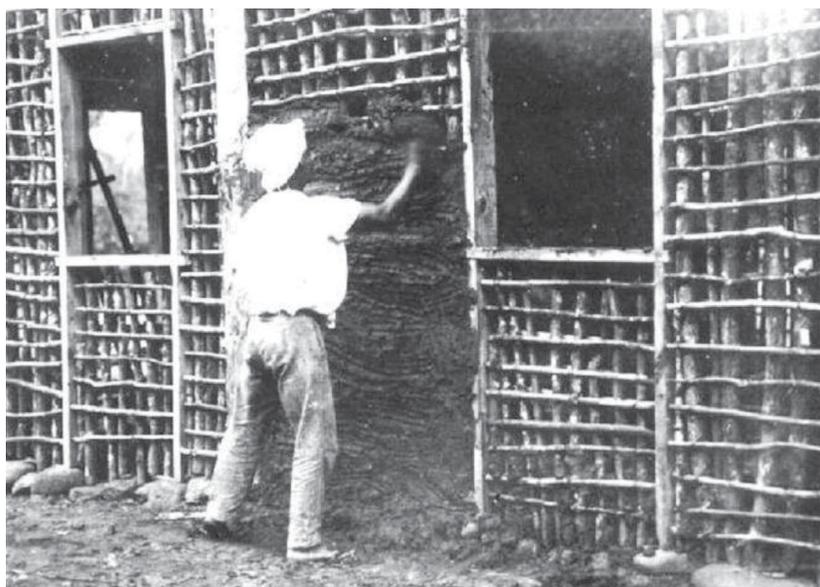


Figura 09. “Barreando a casa.”

Fonte: Acervo DPH-PMSS.



Figura 10. O trabalho solidário: vemos na foto um componente com uma porção de barro preparada, para passar ao colega, na escada.

Fonte: Acervo DPH-PMSS.



Figura 11. A casa já pronta.

Fonte: Acervo DPH-PMSS

Embora a iconografia existente apresente algumas casas com paredes sem reboco, vemos que este recurso era comumente utilizado, provavelmente para garantir a estabilidade da construção, oferecer maior conforto e condizer com o esforço coletivo em sua construção. Evidentemente, não poderia se utilizar das mãos solidárias e permitir que em pouco tempo o proprietário tivesse que mobilizar a todos novamente para reconstruir sua casa. Sobre o trabalho de mutirão, os trabalhos de amassar o barro e barrear a casa eram acompanhados por cânticos que balizavam os movimentos. Os sopapos na parede acompanhavam o ritmo e facilitavam o processo, pois o trabalho tinha que ser sincronizado. Temos como exemplos os cânticos de mutirão fornecidos pelo Sr. Sebastião Salomão (informação verbal), morador do Bairro da Enseada, São Sebastião:

*Maria é moça nova, Maria não quer casar
Rapaz cadê Maria, Maria foi passear...
Os passeio de Maria faz papai e mamãe chorar...
O siri com o caranguejo, brigaram fizeram sangue
O siri correu pra praia e caranguejo correu pro mangue...*

A captação de barro e o corte de madeira baseavam-se em conhecimentos empíricos, ligados às fases da lua. Os paus eram extraídos em noites frias de lua crescente, para que se conservassem mais, segundo constatamos no depoimento do Sr. Salomão (informação verbal):

As ripas eram de palmito jussara. As cordas, que substituíam os pregos para fixar a trama eram feitas de imbé, timbopeva e guanxuma, também utilizadas para fazer cabos para pesca. As madeiras eram cortadas no início da lua nova. Não se deixava cortá-las na lua cheia, para não bicharem. Depois eram deixadas no local por um tempo para murcharem.

Sobre este procedimento empírico, o professor Carlos Lemos (informação verbal, 2008) vê concordância com critérios técnicos, pois em época de baixa influência lunar, como o caso

descrito, as madeiras possuem menor quantidade de seiva, o que diminuirá a atuação de insetos xilófagos.

O programa habitacional evidenciava um ambiente de parco isolamento e privacidade. Divisões que não alcançavam o teto e que existiam no(s) quarto(s) apenas. De forma longitudinal, uma sala que se estende até a porta da cozinha, num puxado posterior. Contudo, muitas vezes esta sala, local de receber o visitante e os grupos de cantorias em dias festivos, era posta junto com o trem de cozinha. Assim, numa sequência temos os bancos para os de fora, um altar e, no fundo, a mesa, o fogão a lenha e o girau para defumar as carnes.

A situação atual

Com a expansão imobiliária, o aumento populacional e introdução de novos materiais industrializados, o emprego do pau-a-pique caiu em desuso. Todavia, ainda encontramos remanescentes presentes em vilas mais isoladas ou em uma ou outra casa restante. Citamos como exemplos os núcleos urbanos localizados nas praias isoladas de Ilhabela como o Saco do Sombrio, Guanxuma, Búzios, dentre outros. Em bairros tradicionais de São Sebastião, encontramos algumas em São Francisco da Praia, Figueira, Cigarras, Enseada e nos morros da Boa Vista e Abrigo. Curiosamente muitas destas habitações estão em poder dos familiares mais antigos (avós) e servem como elemento agregador para a família, locais de reunião e lazer dominical.

As casas restantes em São Sebastião estão sob de processo de inventário, decorrente do levantamento sistemático presente no Programa de Gestão do Patrimônio Cultural do município (BORNAL, 2009; GALDINO, 2009), que procura identificar, através de levantamento de campo e sistemas de informações geográficas o patrimônio arquitetônico e urbanístico caíçara, integrado com outras manifestações: o saber fazer, as fontes de matéria-prima, a paisagem etc. Desta forma, proporemos medidas de preservação destes componentes, de forma participativa entre os gestores culturais e a comunidade.

Apesar da suposta obsolescência, as tramas de taipa de mão voltam à tona, com o surgimento de novos paradigmas ligados à sustentabilidade e fortalecimento da cultura regional. Assim, o emprego de técnicas tradicionais retomam, aos poucos, certo espaço, especialmente com a Bioarquitetura.

O baixo custo apontado (COSTA, 1975, p.95) e suas qualidades ambientais, relacionadas ao conforto e consumo racional de recursos naturais, são apontados por diversos autores como incentivo à sua utilização, pois “o barro garante conforto térmico no inverno e no verão porque a umidade é mantida em níveis ideais” (KOOB, 2008)

Gunter Weimer (2008) afirma que “ficou o preconceito de que é coisa de pobre, mas o barro é um material nobre e tem vantagens como não gerar entulho. Se a construção for demolida, vira terra de novo e pode ser usada para plantio.” Sobre o apelo estético, ou a compatibilidade com padrões econômicos, Minke (2001, p.218) observa: “Las viviendas modernas em las que el barro es el material predominante no requieren tener ninguna característica especial em su apariencia. Pueden ser convencionales o modernas, simples o sofisticadas, humildes o lujosas.”

Vemos atualmente no ambiente litorâneo a busca moderna da rusticidade presente em edificações diferenciadas, como casas de veraneio, pousadas, restaurantes e outros estabelecimentos, localizados principalmente no município de Ilhabela e na Costa Sul de São Sebastião. Assim, a construção para-vernacular caiçara não apenas se apresenta como vetor de fortalecimento de aspectos culturais, mas também se oferece como possibilidade de geração de renda. A mão de obra especializada em técnicas tradicionais possui alto valor agregado, com melhor remuneração. Neste contexto, entendemos que é por demais salutar a promoção, em empreendimentos habitacionais e culturais, das técnicas tradicionais de construção em pau-a-pique, uma opção compatível com o cenário ambiental de nossa região.

Conclusão

O presente trabalho procurou abordar, de forma geral, o panorama das casas caiçaras do Litoral Norte de São Paulo, mais especificamente da cidade de São Sebastião. Arquitetura interessante que reflete não somente os condicionantes ecológicos e econômicos que contribuíram para a sua execução, mas também, aspectos sociais de seus moradores, as comunidades pesqueiras de beira de praia.

É de extrema importância que os órgãos gestores do patrimônio cultural, em todas as esferas da federação e também da iniciativa privada, se esforcem pela preservação das vilas e casas isoladas, como testemunho da ocupação urbanística de outra. Contudo, devemos atentar para o risco de se lutar não por um local de morada e vivência, mas sim, por um cenário. O direito de um proprietário morador a livre escolha sobre os materiais e equipamentos que devem compor a sua moradia é inerente. Esforços para a preservação das casas e traçados caiçaras devem ser feitos de forma participativa e executados se houver apropriação destes conceitos pela comunidade envolvida. Em outro plano podemos promover, dentro de atividades educacionais, o ensino das técnicas tradicionais de construção em pau-a-pique, como elemento fortalecedor da cultura local e opção ecológica para as edificações.

A cidade de São Sebastião conta com diversos exemplos de construções diferenciadas que incorporam elementos da terra em seu projeto. Assim, concluímos que o estudo da técnica tradicional da arquitetura caiçara pode colaborar para o fortalecimento da cultura local, pode ser subsídio para atividades educacionais e opção de geração de renda para os artífices da região.

Notas

* Graduado em Turismo, especialista em preservação e restauro do patrimônio arquitetônico e urbanístico. Mestrando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Integra o Departamento de Patrimônio Histórico de São Sebastião, SP. Atua com Gestão do Patrimônio Arqueológico, Patrimônio Imaterial e projetos de licenciamento ambiental.

Referências

ALMEIDA, Antonio Paulino de. **Memória Histórica sobre São Sebastião**. São Paulo: Edusp, 1956.

BORNAL, Wagner Gomes. **Ficha de Cadastro de Sítio Arqueológico Jaraguá – 01**. São Sebastião: DPH-PMSS, 2005.

BORNAL, Wagner Gomes; GALDINO, Clayton. **Programa de Gestão do Patrimônio Cultural de São Sebastião**. São Sebastião: Fundação Cultural São Sebastião, 2009.

COSTA, Lúcio. Documentação necessária. In: FAU-USP. **Arquitetura Civil II**. São Paulo: MEC/IPHAN, 1975.

GALDINO, Clayton. **A Fazenda dos Ingleses no Bairro do Porto Novo.2004**. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Preservação e Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanismo) – Universidade de Santos. Santos: Unisantos, 2004;

GALDINO, Clayton. **A Capela do Senhor Bom Jesus da Enseada**. São Sebastião: DPH-PMSS, 2008. (Relatório)

KOOP, Tamires. **Entrevista: João de Barro**. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.uol.com.br/noticia/casa/conteudo_277282.shtml. Acesso em: 10 dez. 2008.

LEMONS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____ **Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo: Edusp,1999.

_____ Aula sobre taipa de mão, presente na disciplina FAU-USP Técnicas Tradicionais da Arquitetura Paulista. São Paulo: FAU-USP, em 21 de agosto de 2008.

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias da Capitania**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil. In: VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

MINKE, Gernot. **Manual de construcción en tierra** “La tierra como material de construcción y sus aplicaciones en la arquitectura actual. Montevideo: Editorial Cooperativa Nordan Comunidad, 2001.

SETTI, Kilza. **Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical**. São Paulo: Ática, 1985.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1989. (Coleção Afrânio Peixoto).

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

WEIMER, Günter. **Morada de barro**. A história da construção presente de norte a sul do Brasil trazida por escravos africanos e portugueses. Disponível em: www.planetasustentavel.abril.uol.com.br/noticia/cultura/conteudo_391823. Acesso em: 09 dez. 2008.

Abstract

The present work is about the local caiçara villas and the "pau a pique" construction technique. It relates urban composition with the social, geographical and environmental characteristics, which results in a unique style. A brief analysis about local lifestyle and equipments is presented.

keywords:Architecture. "Pau-a-pique". "Caiçara" lifestyle. Caiçara equipments.